Globethics Repository



A cultura do desperdício [The culture of waste]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Tomás, Robert
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-05 11:36:49
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163424

***IHU On-Line*- Que políticas públicas estão sendo encaminhadas nesse sentido?**
Cristina Bruschini- Uma coisa interessante é que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi transformado numa secretaria especial de políticas para as mulheres, diretamente relacionada à Presidência da República, o que dá um suporte maior às políticas das mulheres. O governo federal está muito atento à representação feminina em todas as áreas. Agora, em relação a políticas voltadas para o trabalho feminino não estou vendo muita coisa. Sequer foi tomada alguma medida específica em relação ao trabalho feminino. Eu estive conversando com a Senadora Emília Fernandes, que é a responsável pela Secretaria da Mulher e ela estava muito entusiasmada com a boa vontade do Presidente nessa sentido. Só que os orçamentos foram extremamente cortados e, segundo informação fidedigna que recebi, o orçamento dessa secretaria ficou muito pequeno.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

A CULTURA DO DESPERDÍCIO

*Reproduzimos na íntegra o artigo **A cultura do desperdício**, de Robert Tomás, professor de Economia Aplicada na Universidade Autônoma de Barcelona. O artigo foi publicado no jornal argentino **Clarín**, 26-8-03. A tradução e os subtítulos são do CEPAT, a quem agradecemos.*

A expressão "cultura do desperdício" sintetiza perfeitamente o que constitui uma das características mais importantes da modernidade ocidental. Pode-se afirmar, sem exagero, que o produto característico de nossa cultura é o desperdício. Seu componente mais visível é constituído pela acumulação de produtos em bom estado, mas que perderam sua capacidade de serem utilizados e que são substituídos por sucessivas ondas de novos produtos, melhores e mais baratos. A obsolescência generalizada, conseqüência – supõe-se – de uma crescente exigência dos consumidores, e impulsionada por uma inovação galopante, é o outro lado do que se considera o incessante aumento do nível de vida no Ocidente.

O esbanjamento se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica

Para muitos, a proliferação dos desperdícios constitui um escândalo, posto que, ao mesmo tempo, cada vez mais gente no Terceiro Mundo, mas também nas ruas das ricas cidades do Ocidente, sofre de uma penúria material que parece infindável. Uma consciência moral mínima se rebela contra este estado de coisas e exige que seja solucionado. Mas, para isso convém examinar com cuidado o que realmente significa esta "cultura do desperdício". O acúmulo de lixo faz parte de um fenômeno mais global: o esbanjamento inerente à sociedade ocidental moderna, que se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica.

O desperdício do ponto de vista econômico

Do ponto de vista econômico, o desperdício tem, por sua vez, dois aspectos. Em primeiro lugar, a incapacidade de a economia capitalista criar a demanda efetiva necessária para a aquisição dos bens produzidos, de forma que, por uma parte, os ingressos dos indivíduos não são suficientes para comprar todos aqueles bens oferecidos no mercado e, por outra, sempre há uma porcentagem de desempregados e de subempregados.

Em segundo lugar, este esbanjamento acontece pela própria ineficiência da produção, ou seja, pela desproporção entre a abundância dos meios empregados e os resultados obtidos, o que se traduz em forma de gastos inúteis, tanto pela baixa produtividade de empresas privadas e organismos públicos como pelo tipo de gastos que poderiam ser reduzidos muito numa sociedade mais racional e menos conflitiva (serviços militares, policiais, penitenciários, farmacêuticos, legais, etc.).

O esbanjamento do ponto de vista ecológico

Mas é seguramente do ponto de vista da ecologia que o esbanjamento alcança sua dimensão mais preocupante. Parece cada vez mais irrefutável que a dinâmica econômica da produção pela produção conduz, tanto a um esgotamento dos recursos naturais como à crescente contaminação do meio ambiente por causa dos resíduos tóxicos, e cujos efeitos podem ser irreversíveis. Tudo parece indicar que a produção, da perspectiva da valorização ecológica dos custos, é ineficiente e mesmo ruinosa.

É possível resolver o problema tecnicamente?

Todos estes fenômenos de esbanjamento estão vinculados entre si, de forma que parece ser necessário ter presente soluções que os contemplem conjuntamente. Isso significa que não se podem aceitar as explicações que reduzem a produção de esbanjamento a um problema técnico, ou seja, de fins e meios, que pudessem ser resolvidos por meio de novos procedimentos tecnológicos. Esta é a solução que o próprio sistema adota, posto que faz parte de sua própria lógica, deixando para um futuro (sempre distante) o descobrimento de novos procedimentos que permitirão aumentar a eficiência e reduzir os dejetos, na linha do que se conhece como reciclado.

A estratégia do reciclado consiste, por um lado, na produção de bens com materiais reutilizáveis e, no outro extremo da cadeia, numa indústria de transformação dos dejetos em novos produtos de consumo. No meio, o consumidor responsável que demanda produtos recicláveis e que separa cuidadosamente os diferentes tipos de lixo.

Esta mesma lógica se aplica ao âmbito ecológico. Também aqui a solução virá da mão da tecnologia que permitirá utilizar energias renováveis e diminuir o uso dos recursos naturais e, como conseqüência, reduzir os dejetos poluidores; igualmente se conta, neste caso, com a cumplicidade do consumidor.

As soluções – ambas débeis

Assim, pois, o tipo de solução que se perfila tem dois componentes básicos. Por um lado, o da eficiência técnica e, por outro, o da conduta responsável do consumidor. Os dois pilares são, a meu ver, demasiado débeis.

A ênfase no progresso tecnológico toma como solução o que faz parte do problema, posto que a lógica econômica da produção pela produção conduz a uma obsolescência cada vez mais acelerada e, por conseguinte, a um crescente desperdício. Ademais, promover a eficácia energética e produtiva como solução global supõe condenar o resto das culturas a seguir o mesmo caminho que marca a modernidade ocidental e que conduz, como vemos, ao esbanjamento crescente e sem limite.

O outro pilar no qual se sustenta a proposta de soluções ao esbanjamento é a conduta do consumidor. Supõe-se que é preciso procurar que os consumidores estejam conscientes da irracionalidade de seu modo de vida e adotem uma conduta presidida pela austeridade, pela eficiência e pela consciência cívica e ecológica. Assim, é preciso convencer os cidadãos para que reduzam seu consumo, encaminhem-no para a satisfação das necessidades reais e eliminem os gastos supérfluos; para que utilizem, de maneira eficiente, a energia, evitando qualquer desperdício da mesma; para que reciclem os resíduos da forma como as autoridades lhes indiquem e, em geral, para que tenham uma conduta respeitosa com o meio ambiente.
Da pressão do consumidor, se há de derivar que as empresas compitam entre si para oferecer os melhores produtos do ponto de vista da eficiência energética e do impacto ambiental. Assim, de forma paulatina, se irá eliminando o esbanjamento, e a sociedade se fará mais racional, austera e eficiente.

A debilidade deste tipo de argumentação é patente pela assunção ilusória da capacidade do consumidor para determinar as decisões produtivas das empresas. Basta fixar-se nos poderosos condicionantes a que está submetido o consumo para dar-se conta do irreal desta proposta. Mas, é preciso dar um passo a mais e examinar o significado do consumo no contexto das pautas culturais de nossa modernidade.

Mudar radicalmente o caráter do consumo

A concepção ocidental de consumo descansa numa identificação entre indivíduo e consumidor, de maneira que consumir nos parece um ato puramente natural, ou seja, que caracteriza o ser humano em todo lugar e tempo. Isso não é assim, posto que aquilo que denominamos consumo em nossa sociedade não consiste no processo de satisfação de necessidades individuais, mas faz parte dos processos rituais da modernidade.
Diferentemente do que nos ensinam os manuais de economia, nosso consumo é um mero adquirir para possuir. A satisfação que o consumo proporciona é geralmente de ostentação: não se adquire para experimentar um gozo, mas para poder afirmar o poder de aquisição.
Se o consumo consiste na obrigação de adquirir para possuir a mercadoria mais ostentosa e poder mostrá-la como atributo da condição social, o próprio consumo é, simultaneamente, esbanjamento. Devido à mudança contínua nas modas, nos gostos e nos hábitos, como motor de uma produção crescente, o esbanjamento não pode ter fim.

Consumo orientado pelo "bem-estar"

Se o que foi dito anteriormente está certo, somente podemos acabar com o esbanjamento suprimindo o consumo que o torna inevitável. Não se trata, portanto, de reduzir o consumo, mas de mudar completamente o seu caráter. Seria preciso recuperar um consumo (se se quer utilizar a mesma palavra) não fundamentado no ter, mas no estar; ou seja, um consumo como meio destinado a proporcionar uma boa vida, o que só é possível a partir de uma mudança cultural radical. Dito brevemente: a recuperação de um consumo encaminhado para o "bem-estar" supõe que este não se centre no desperdício e no esbanjamento.
As outras culturas dedicam boa parte de sua atividade a gastos perfeitamente improdutivos, mas que têm um grande significado social: cerimônias, festas, atividades artísticas..., em definitivas formas culturais de esbanjamento. O problema da nossa cultura não é, pois, o desperdício, mas a forma de como este se produz: letal para com a natureza e mesquinho do ponto de vista humano.

Para escapar da "cultura do desperdício", somente se vislumbra um caminho: o esquecido deste triste "bem-ter" para poder encontrar, em nossas próprias raízes culturais, o fundamento para gozar da boa vida.

TEOLOGIA PÚBLICA

UMA ENTREVISTA DE JÜRGEN MOLTMANN, O TEÓLOGO DA ESPERANÇA

A revista mensal italiana **Jesus***, de setembro de 2003, publica, sob o título* Os Leões da Teologia*, duas entrevistas com Jürgen Moltmann e Hans Küng, respectivamente. Segundo a revista, dois 'grandes velhos' do pensamento cristão contemporâneo, que continuam a escrever livros e a fazer opinião sobre os grandes temas da atualidade e que chegaram aos 75 anos de vida. Do teólogo luterano Jürgen Moltmann acaba de sair um volume sobre a relação entre ciência e fé: um tema não muito teórico, dado o peso sempre maior das questões ecológicas sobre as nossas sociedades. Hans Küng há pouco tempo completou 75 anos, sem que se tenha resolvido o rompimento com Roma, que lhe retirou a 'missio canônica' de professor de teologia, mas que percorre o mundo convidando os líderes das grandes religiões para um projeto de paz global.*

Hamburgo, julho de 1943. A cidade alemã é devastada por uma chuva de fogo: a operação 'Gomorra', da força aérea britânica, termina com 40 mil mortes. Dois alemães se encontram lado a lado. Um é estraçalhado por uma bomba. O outro sobrevive. Ele se chama Jürgen Moltmann, classe 1926. Não é crente. Mas naquela noite invoca, talvez pela primeira vez, a Deus. Desde então uma pergunta o atormenta: "Por que continuo a viver e não morri como os outros?"

Exatamente sessenta anos depois, Moltmann está sentado numa mesa sob o sol italiano. Aquele que se tornou um dos maiores teólogos contemporâneos – fundamental é o seu livro ***Teologia da Esperança***. Cidade: Herder, 1971; está saindo o seu novo livro ***Scienza e sapienza***, sobre a relação ciência e teologia -, não esqueceu aquela antiga pergunta. "Foi aquele o início da minha fé. O meu primeiro impacto com Deus foi com o seu lado obscuro. E não somente por causa da morte do meu companheiro, mas por tudo o que sucedeu naqueles anos".

Jesus: Nunca tinha pensado em Deus antes de julho de 1943?

Moltmann: Não provenho de uma família de pessoas crentes. Os meus pais eram livres pensadores. Durante a guerra, depois da morte do meu companheiro, e, sobretudo, nos meus três anos de prisão, tinha perdido as minhas certezas. A minha experiência da morte, os meus sentimentos de culpa por aquilo que o meu povo tinha feito, o horror dos campos de concentração tinham estraçalhado os meus esquemas.

Jesus: O que, então, aconteceu?

Moltmann: Durante a minha prisão, comecei, quase por acaso, a ler a Bíblia e fiz amizade com cristãos escoceses e ingleses. Naqueles anos, comecei a conhecer a fé e a professá-la. Quando, em 1948, terminou a minha prisão, eu não sabia a que Igreja deveria pertencer, mas sabia que teria que estudar teologia. Comecei a ler a Bíblia, a conhecer a fé até que me pus a professá-la e a ter fé. Depois comecei a estudar teologia para procurar entender se a fé cristã poderia ser verdadeira. E se o era, se podia propor verdades sobre a vida.